

03 JUN 1998

# Economia: *Brasil* pouco espaço para a razão

GAZETA MERCANTIL

Paul Craig Roberts\*

**A** coluna Economic Viewpoint da Business Week foi inaugurada em 5 de setembro de 1983, quando o então editor-chefe Lewis Young concluiu que os leitores precisavam ter uma perspectiva mais ampla da política econômica da administração Reagan. Fui escolhido para inaugurar a nova seção.

Após 16 anos, escrevo minha última coluna no papel de colunista mais antigo da Business Week. Por todos esses anos, recebi muita correspondência dos leitores do que poderia responder. Para me redimir, dedico minha última coluna aos três assuntos de maior repercussão — o déficit orçamentário, a privatização da Seguridade Social e Michael Milken:

Muitas de minhas colunas foram dedicadas à histeria com relação ao déficit — histeria que ameaçava arruinar o plano da "supply-side" (teoria econômica do lado da ofer-

ta) para escapar à estagflação e piorar o equilíbrio entre inflação e desemprego. Os economistas partidários da economia da oferta concluíram que o mal da economia americana resultava do aquecimento da demanda em função do dinheiro fácil, e do desencorajamento da produção por altas alíquotas marginais. A incapacidade dos economistas keynesianos em reviver suas políticas de controle da demanda abriu uma porta para os partidários da economia do lado da oferta.

O plano do presidente Reagan era reduzir a taxa de crescimento da oferta de moeda gradualmente, enquanto aprimorava os incentivos econômicos. O Fed, no entanto, acreditava que o crescimento econômico provocava inflação e teve uma reação exagerada quanto ao que o "chairman" Paul A. Volcker via como um estímulo fiscal poderoso. Volcker pôs a economia em recessão antes que os cortes nos impostos fizessem efeito e Reagan

começou até o pescoço no buraco deficitário.

Os déficits financeiros aterrorizavam os republicanos, cuja retórica contra o déficit definia a economia republicana desde os dias de Herbert Hoover. David A. Stockman, Diretor de Orçamento, e Martin S. Feldstein, "chairman" do Conselho de Consultores Econômicos, argumentavam que o déficit forçaria a alta das taxas de juros, deixando pouco espaço para os investimentos e impedindo uma recuperação econômica. Propunham que os cortes fiscais fossem adiados, repelidos ou que outros impostos fossem aumentados.

A histeria com relação ao déficit cresceu com o tempo. Em Wall Street, alegava-se que o déficit reanimaria a inflação e arruinaria o mercado de títulos. Os economis-

tas culpavam o déficit por um dólar forte, que estaria destruindo as indústrias do país, e pelo déficit comercial, que estaria entregando o controle da economia americana a estrangeiros.

A essas concepções equivocadas dei respostas cuidadosas, mas os republicanos entenderam apenas que "os déficits não são importantes". Choveram cartas indignadas. Passaram-se os anos e os déficits persistiram, mas a inflação e os juros continuaram a cair. A economia dos Estados Unidos continuou a se expandir, e suas empresas tornaram-se as mais competitivas do mundo. Hoje, o déficit orçamentário desapareceu, mas o déficit comercial está maior do que nunca.

Os fatos e os republicanos passaram um pelo outro como navios no breu da noite. Exaurido pela

monomania do déficit, o Partido Republicano perdeu sua vantagem como partido de idéias e sua liderança ficou estremecida.

As respostas dos democratas do New Deal a meus artigos sobre a privatização da Seguridade Social foram de cunho tão emocional quanto as respostas dos republicanos a meus artigos sobre o déficit. Alguns leitores odiaram a idéia de um sistema de pensão privatizado, e estou grato a eles por me conscientizarem, antes de meu debate com o ex-governador de Nova York, Mario Cuomo no National Public Radio, de que a seguridade social não é um assunto que possa ser discutido com fatos e análises. Estamos numa corrida entre o fim da geração do New Deal e o colapso da seguridade social.

As cartas indignadas aos meus artigos sobre o rei do "junk-bond", Michael Milken, foram uma terceira lição sobre a fragilidade dos fatos. A perseguição movida a Milken foi o veículo pelo qual um am-

bicioso promotor tornou-se prefeito de Nova York. Milken foi processado e demonizado pela mídia. Para acabar com a provação, ele concordou em negociar sua sentença pelo enquadramento em seis infrações menores — que nunca antes tinham sido passíveis de prisão, e foi traído. Apesar da insistência de muitos leitores, Milken não foi condenado por negociações baseadas em informação privilegiada.

Como colunista, descobri que informar as pessoas pode não funcionar quando elas desejam justificativas emocionais. A medida que cresce a ênfase nos sentimentos, deixando pouco espaço para a razão, os fatos passam a desempenhar um papel menor no discurso público.



\* Membro do Institute for Political Economy em Washington, D.C. e pesquisador da Hoover Institution, Universidade de Stanford. Artigo publicado originalmente na Business Week.